

Mais dois empréstimos-jumbos este ano?

A informação é de uma fonte da área financeira: já está preparado o novo plano de renegociação da dívida, com dois jumbos — um de emergência.

Já está preparado o novo plano de renegociação da dívida externa brasileira. Ele prevê a liberação de dois empréstimos-jumbos, este ano, um de emergência, para sanar os problemas de caixa, e outro, mais para o final do ano, para fechar o balanço de pagamentos. Foi o que garantiu ontem fonte da área financeira, que afirmou que, para a concretização do novo plano, o País terá de enfrentar mais cinco anos de recessão econômica.

O plano prevê, como segunda etapa, que em 1984 e 85 serão refinanciadas automaticamente as amortizações — e não apenas parte do principal, como prevê para este ano o atual plano de renegociação — e a metade dos juros. A outra metade será paga com o saldo na balança comercial.

A liberação do primeiro jumbo porém, só ocorrerá depois que o Brasil receber o sinal verde do Fundo Monetário Internacional (FMI) para o novo acordo que está tentando renegociar, e que inclui alterações nas metas dos tetos de expansão do déficit do setor público e do crédito interno líquido.

“Desta vez, os banqueiros estão sendo muito mais duros”, enfatizou a fonte, explicando que a vinda de uma equipe de economistas do Subcomitê de Assessoramento da Renegociação da Dívida é para fazer uma verdadeira devassa nas contas externas do País. Ainda esta semana, porém, o ministro Ernane Galvêas alegou que os economistas estão recebendo dados que sempre foram fornecidos à comunidade financeira internacional e que, na verdade, a vinda deles seria mais “para uma integração com o pessoal daqui”.

A fonte comentou, também, que o montante de compromissos atrasados no Exterior já atinge, oficialmente, US\$ 1,2 bilhão, mas que o total “não confessado” estaria situado em torno de US\$ 2,5 bilhões. Outra fonte, esta do Ministério da Fazenda, confirmou que, há dois meses, o total dos compromissos atrasados estava em US\$ 1,7 bilhão.

Essa mesma fonte do Ministério da Fazenda confirmou também que o novo plano de renegociação estaria sendo elaborado pelos banqueiros internacionais que compõem o Comitê de Assessoramento, que é agora

chefiado pelo diretor para a América Latina do Citibank, William Rhodes. E que esse novo plano é “menos ruim” para o País porque já faz a rolagem automática do pagamento do principal nos próximos dois anos, ao contrário do primeiro plano de renegociação, que foi dirigido pelo vice-presidente do Morgan Guaranty Bank, Anthony Gebauer.

Por esse plano, ficou acertada a rolagem de US\$ 4,4 bilhões, este ano, da amortização de US\$ 7,2 bilhões, e ficou de fora o refinanciamento dos juros, previstos este ano para US\$ 9,5 bilhões.

Uma fonte do Banco Central confirmou, no entanto, que o total do pagamento de juros será bem superior, porque as autoridades subestimaram os números.

Segundo essa fonte, desde o começo o governo brasileiro deveria ter pedido aos banqueiros o refinanciamento de parte dos juros, porque daria uma folga ao País. Embora dizendo não ter detalhes do novo plano, essa fonte do BC argumentou que o mais interessante para o Brasil ainda seria uma folga de uns três anos para voltar a pagar tanto o principal como os juros.

A fonte da área financeira, porém, comentou ainda que, pelo plano dos banqueiros, com o Brasil conseguindo um saldo comercial de US\$ 8 bilhões no próximo ano, e de US\$ 9,2 bilhões em 1985, o País terá condições de não só pagar a metade dos juros como também assegurar um mínimo de reserva cambial. Para isso, porém, será necessário que os organismos multilaterais contribuam decisivamente com o País, aumentando em pelo menos 10% os créditos favoráveis que concede, com juros e prazos refinanciados.

Para que o novo plano de refinanciamento seja concretizado, acrescentou a fonte, o Brasil continuará enfrentando o agravamento da recessão, de tal modo que qualquer tentativa de retomada do crescimento econômico só ocorrerá daqui a cinco anos.

A fonte do Ministério da Fazenda acrescentou que o FMI e os banqueiros internacionais não viram com agrado a indecisão do governo na adoção de cortes nas estatais, mas compreenderam que, na atual conjuntura, cada vez mais as decisões econômicas terão de ficar vinculadas à política.



Um empréstimo de 110 milhões para o BNDES

O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) contratou ontem, em Nova York, um empréstimo de US\$ 110 milhões com um grupo de bancos internacionais. Segundo o anúncio feito pelo Chase Manhattan, que coordenou o negócio, o crédito tem oito anos de

prazo para ser pago, com dois anos e meio de carência. Os juros serão iguais à prime rate do momento, mais um spread de 1,875%, ou então iguais à Libor paga aos depósitos a prazo de três ou seis meses, e mais 2,125%. O crédito será usado em investimentos este ano.